

# REVISÃO DA ESTRATIGRAFIA DA REGIÃO ONSHORE DA BACIA DE PERNAMBUCO, COM A CRIAÇÃO DE UMA NOVA UNIDADE ESTRATIGRÁFICA, A FORMAÇÃO PARAÍSO

*Maria Fernanda Barroso Maia<sup>1</sup>, José Antonio Barbosa<sup>1</sup>, Mário de Lima Filho<sup>1</sup>, Haydon Peter Mort<sup>1</sup>, Felipe Ribeiro Santana<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>LAGESE, DGEO-UFPE

**Resumo:** A faixa costeira da Bacia de Pernambuco compreende uma estreita área entre o Alto de Maragogi e a Zona de Cisalhamento de Pernambuco. Os depósitos sedimentares de origem continental de idade Albo-Aptianos da bacia foram reunidos anteriormente na Formação Cabo. O presente estudo apresenta uma revisão estratigráfica baseada na análise de dados de campo, de dados sísmicos, e análises químicas e petrográficas realizadas em amostras de um poço estratigráfico. A revisão realizada propõe que o intervalo siliciclástico aptiano-albiano pode ser dividido em duas fases de rifteamento, sendo a porção basal aptiana ligada à etapa de abertura da bacia, que é evidenciada por uma deformação mecânica mais intensa. No final dessa fase ocorreu um pulso tectônico que resultou em uma discordância erosiva e angular que afetou os estratos basculados de idade aptiana. Essa discordância que separa a base da Formação Suape do topo da Formação Cabo foi verificada através de dados sísmicos e de afloramentos.

A segunda fase de rifteamento possivelmente se estendeu até o Meso-Albiano, e durante este tempo os depósitos siliciclásticos preencheram o Graben que forma a região onshore em situação de *sag basin*. Os depósitos da porção superior apresentam ausência dos conglomerados basais e características sedimentológicas distintas do pacote inferior, possivelmente devido à existência de uma topografia mais moderada e a modificação da fonte de sedimentos, além da mudança nas condições climáticas. Assim sugerimos que a porção basal, aptiana, permanecesse como Formação Cabo, ao passo que a sucessão albiana, que representa outro estágio do processo de rifteamento, seja denominada de Formação Suape.

Os dados sísmicos observamos que a Formação Suape é separada de um outro pacote de idade eo-albiana por outra discordância (meso-albiana) que marca o final da fase riftte e o início da fase pós riftte. Estes conjuntos de estratos posicionados acima da formação Suape, apresentam composição siliciclástica, mas dados bioestratigráficos mostram que possuem influência marinha. Este pacote representa a chegada de condições marinhas muito rasas, anteriores a deposição carbonática que caracteriza os depósitos da Formação Estiva (cenominiana-turoniana) sobreposta. Esta nova unidade posicionada entre a Formação Suape e a Formação Estiva foi denominada de Formação Paraíso.

Observamos que a distinção entre as unidades Cabo e Suape em superfície é relativamente fácil, inclusive a observação da discordância entre elas. Mas a distinção entre a Formação Suape e outras unidades siliciclásticas, como a Formação Algodoais (Santoniano?), que também tem origem fluvial, em superfície pode apresentar dificuldades. Isto se dá devido à semelhança

litológica entre as unidades, ausência de controle bioestratigráfico e a reduzida área de afloramentos na estreita faixa costeira.

A Formação Paraíso foi reconhecida em dados sísmicos e de poço, e se esta for subaflorante, ou apresentar semelhança litológica com as demais unidades siliciclásticas, também será difícil o seu reconhecimento em superfície.

A Formação Paraíso deve representar os últimos 300m de depósitos siliciclásticos da coluna sedimentar, sobrepostos aos depósitos da Formação Estiva.

**PALAVRAS CHAVE:** BACIA DE PERNAMBUCO; FORMAÇÃO SUAPE, FORMAÇÃO PARAÍSO, RIFTE